

Alessandra Siqueira Barreto  
UFU

Este artigo<sup>1</sup> pretende apresentar a Baixada Fluminense e, a partir de sua história, analisar o surgimento de novos atores sociais dentro da elite política local. Ele está dividido em três partes: (1) identificação de sua configuração física e social e das imagens consumidas sobre a região; (2) apresentação da Baixada enquanto unidade de análise política; e (3) apreensão, através da trajetória de um político local, da ação política, de sua organização e dos *projetos* individuais e coletivos envolvidos.

### UMA DEFINIÇÃO

---

À primeira vista, a Baixada Fluminense pode parecer absolutamente homogênea. Mas esta é a Baixada vista apenas por quem passa pela Rodovia Presidente Dutra. Não se consegue distinguir seus municípios, bairros, sua gente. Lança-se um olhar de hesitação frente àquelas casas com tijolos à mostra, mal pintadas, construídas umas em cima das outras. É uma paisagem monótona que possui a *estética da escassez*<sup>2</sup>.

De um lado e de outro a mesma cena: do abandono e da pobreza. É tomada muitas vezes por favela, como sinônimo de área degradada física, moral, social e politicamente. É apresentada como exemplo terrível de um cotidiano de violência e privação. Mas o que haveria por detrás de símbolos e representações que há décadas marcam a história e a vida das pessoas dessa região? Ou melhor, podemos falar em uma só Baixada?

Ainda hoje uma definição única sobre a Baixada Fluminense é problemática já que opera entre delimitações de ordens diversas. A geográfica a identifica como uma área que compreenderia as planícies baixas, constantemente alagadas, entre o litoral

e a Serra do Mar (Geiger e Santos 1956)<sup>3</sup>. Baixada Fluminense não é uma denominação oficial precisa, pois não há um consenso mesmo entre os órgãos públicos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ou a FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) sobre sua composição em termos de municípios, mas uma configuração mais ampla poderia ser a seguinte: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mangaratiba, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Conta com uma população de mais de 3 milhões de pessoas e 2 milhões de eleitores, constituindo-se no segundo maior colégio eleitoral do estado (IBGE, Censo 2000)<sup>4</sup>. Quando passamos deste plano, percebemos que não há uma identidade de morador da Baixada compartilhada na mesma proporção pelos habitantes dos 14 municípios mencionados.

O uso de adjetivos como nordestino, trabalhador, sofrido, valente parece figurar entre as representações mais comuns sobre sua população. Apesar de não podermos dizer que a Baixada seja o único elemento aglutinador de processos de identificação locais, também não desconsideraremos o fato de se apresentar como um dos elementos mais importantes e que torna possível algum tipo de identificação entre pessoas de diferentes regiões do país, religiões e segmentos sociais. Resta-nos perguntar em que medida o sentimento de pertença à Baixada significaria compartilhar um mínimo de representações e valores que ao mesmo tempo não diluiria (ou seria diluído por) outras formas de identificação mais específicas e contextuais. A partir das entrevistas realizadas junto a moradores, parece que, apesar do movimento diário entre sua cidade e seu local de trabalho (fundamentalmente, o Rio de Janeiro), estes constituiriam suas redes de relações mais densas dentro da Baixada. Sua sociabilidade seria preferencialmente local, apesar do trânsito entre os municípios da região ser freqüente para estudar, fazer compras e, em algum nível, para o lazer. A extensão territorial e a densidade populacional dos municípios são bastante variadas (alguns têm 700 mil, quase um milhão, enquanto outros têm 40, 60 mil habitantes), mas há uma espécie de estilo de vida de “província”, típico de cidades pequenas e/ou de interior, que pode ser apontado tanto por um observador de fora quanto nos discursos dos próprios moradores: *“aqui a gente vive igual numa cidade pequena. Todo mundo conhece todo mundo. Os vizinhos se ajudam e a gente pode deixar a parta aberta...”* (Dona A., moradora de Nova Iguaçu).

Se uma origem nordestina é acionada muitas vezes para explicar ou conferir tal identidade (muitas vezes por um “discurso de fora”), há outros fatores que corroboram com sua constituição, tais como: os processos de ocupação e desenvolvimento da região; o passado rural; a dependência em relação à cidade do Rio de Janeiro; o abandono pelo poder público durante longo período, que possibilitou uma administração particular do uso da violência como legítima em alguns momentos e situações; o forte sentimento de vizinhança; a dimensão do *gossip*; o peso das relações pessoais<sup>5</sup>.

Em um “discurso-para-fora”, uma identificação com a Baixada enfatizaria a dimensão de comunidade, de uma suposta origem comum, da produção e diversidade culturais; enquanto isso, no “discurso-para-dentro”, ou seja, para os pares, haveria também o sentimento de abandono, rejeição e preconceito.

“Não saio daqui de jeito nenhum. Cresci aqui, minha família veio de fora, mas eu conheço todo mundo. Se precisar de alguma coisa, sei que o pessoal me ajuda. Não fico preocupada. Não vou pra um lugar onde ninguém nem sabe o nome do vizinho. Todo mundo aqui é igual.” (Sra. I., moradora de Nova Iguaçu, em entrevista realizada em agosto de 2004).

“Aqui a gente só pode esperar o pior. Quando chove, a gente tem que amarrar saco plástico no(s) pé(s) pra não chegar no trabalho sujo de lama.” (Sr. J, morador de Duque de Caxias, em entrevista realizada em março de 2004).

A possibilidade de manipulação dessa identidade traz à tona o trânsito desses sujeitos sociais, assim como a necessidade de *negociação da realidade* (Velho 1994) constante entre os moradores e os atores sociais externos como as ONG’s, a imprensa, seus empregadores etc. Como, eventualmente, o rótulo de morador da Baixada pode configurar uma situação de preconceito ou marginalização, seus moradores lançam mão de elementos outros para constituir uma identificação ora com os movimentos culturais locais, ora com os políticos e/ou religiosos.

A religião, entre outros recursos, parece se apresentar como a “redentora” de uma espécie de “impureza” ou “contaminação” que poderia estar associada aos moradores da região, em algumas situações e lugares, principalmente remetidos à violência. Ela não seria mais vista como uma esfera à parte das esferas da vida política, por exemplo, reconhecendo-lhe, em certo sentido, a necessidade atual de um engajamento na vida pública não apenas em movimentos civis, mas com representantes políticos legitimamente constituídos (Leite 2003). A política, por outro lado, apesar de muitas vezes ser tomada pelos moradores da Baixada como o lugar de um tipo de impureza – desonestidade, mentira, oportunismo etc. – de algum modo se apresentaria como um dos caminhos para se rever e reinventar sua condição de morador, através da valorização de iniciativas culturais e de formas de ampliação da cidadania<sup>6</sup>. O reconhecimento da eminência desses novos atores sociais - individuais e coletivos - implica mudanças nas relações e práticas intra e extra-políticas, pois sugere novas formas de mediação, reciprocidade e aliança além de redimensionar o papel e poder das instituições sociais em questão (Machado 2003).

Os evangélicos, em suas diferentes denominações, são representativos desse novo panorama, onde cresce a cada eleição sua participação direta enquanto candidatos a mandatos eletivos<sup>7</sup>. No entanto, diferentemente de católicos e praticantes de religiões afrobrasileiras, os candidatos evangélicos são, em sua maioria, pastores indicados pelas cúpulas das igrejas, conjugando a vocação religiosa a um projeto político coletivo (Oro 2003). Neste caso, os projetos políticos individuais estariam em convergência com os das igrejas, explicitando a identidade

religiosa, tanto quanto o engajamento político dos sujeitos, revelados *no* discurso político e no *voto crente*, como menciona Conrado (2000) analisando os dados da pesquisa Novo Nascimento – realizada pelo ISER em 1994, a partir de 1332 entrevistas com fiéis da Assembléia de Deus, Batista, Universal, Histórica, Renovada e de outras igrejas pentecostais.

Nesse movimento, percebemos que a imagem construída e consumida sobre a Baixada está mudando. Em uma pesquisa recente sobre emigração no município do Rio de Janeiro, divulgada pelo jornal *O Globo*, constatou-se que Nova Iguaçu e Duque de Caxias - e depois municípios do interior do estado - seriam pólos de atração para pessoas que precisavam ou desejavam sair do Rio. Esta mesma pesquisa mostrou ainda que essas pessoas, em sua maioria originárias de áreas favelizadas e de alguns bairros do subúrbio carioca (não excluindo com isso alguns segmentos de camadas médias da zona norte carioca) se deslocariam para a Baixada em busca da possibilidade da compra da casa própria e da melhoria de sua qualidade de vida<sup>8</sup>. Sabemos que a mídia é um dos agentes sociais mais influentes e este poder tem sido objeto de diversos trabalhos que tentam compreender o papel desse agente para a formulação de identidades sociais - individuais e coletivas – e como lugar de *memória* nas sociedades urbanas ocidentais<sup>9</sup>.

A imprensa carioca, e mesmo seu braço local, tem dado maior espaço para a divulgação de atividades culturais na região desde o início da década de 1990, quando o jornal *O Globo* lançou os cadernos destinados a bairros da cidade e a áreas específicas do estado – os cadernos de bairros<sup>10</sup>. O caderno *Baixada*, editado todo domingo por este jornal, enfatiza não apenas a dimensão cultural e a de lazer, esquecidas e por tanto tempo sufocadas pelas notícias de assassinatos, roubos, estupros etc, como traz à tona personalidades locais como políticos, membros de suas elites empresariais, religiosas e pessoas engajadas com os movimentos sociais dos mais diversos tipos. Não pretendemos dizer com isso que as concepções negativas do senso comum sobre a região tenham desaparecido das matérias jornalísticas, mas há uma tentativa de “positivação” do olhar sobre a Baixada mesmo que a partir de lugares-comuns ou da surpresa em relação a dados sobre qualidade de vida, como apontada por Enne (2002: 56).

Esse processo não é recente e tem origem, principalmente, na valorização dos movimentos culturais desenvolvidos por indivíduos tanto isoladamente como em grupos e em organizações ligadas ou não a alguma esfera de governo<sup>11</sup>. A contrapartida dessa mudança de foco está, por outro lado, relacionada à ampliação da imagem da violência e do sentimento de insegurança para além das fronteiras das planícies fluminenses. O tráfico de drogas é aclamado o grande vilão dessa história. A desorganização da polícia e o fracasso das instituições responsáveis pela segurança pública, os outros. O descaso e a corrupção políticos não seriam menos culpados.

A temática da violência tem sido bastante estudada nos últimos anos, principalmente, relacionada ao Rio de Janeiro e às regiões consideradas perigosas: favelas, subúrbios, periferias. Pesquisadores que têm a cidade e o

meio urbano como objetos de estudo sempre enfatizaram as dimensões da segregação sócio-espacial, da violência e a transformação das relações sociais ao longo do tempo. A ascensão dessas questões à ordem de problemas nacionais, fez com que se retomassem trabalhos de autores como Zaluar (1985 e 1994), Soares (1996), Velho e Alvito (1998), entre outros. Esses, preocupados em entender a realidade social dos universos e atores investigados, não se limitaram a pesquisas expiatórias que buscassem culpados, mas ao contrário propiciaram análises minuciosas da sociedade brasileira e de suas faces muitas vezes ocultadas por estigmas, preconceitos e pela intolerância.

As formulações acerca da violência urbana constituem-se a partir de diferentes fontes de informação e refletem as concepções socialmente vigentes, como percebemos nos relatos de moradores, nas matérias da imprensa escrita nacional e local e em trabalhos acadêmicos<sup>12</sup>. O lugar onde vivemos, as pessoas que aí circulam, as imagens veiculadas pela mídia, todos esses aspectos devem ser considerados ao se abordar tal tema e seu desdobramento na relação do Estado com a questão da segurança. A criminalidade e a pobreza não podem ser vistas como expressões necessárias e, portanto, obrigatórias e constitutivas da formação dos indivíduos nos universos estudados. Isso não quer dizer que não se possa traçar paralelos entre elas, mas a “patologização” de comportamentos a partir de uma leitura apriorística da realidade social nada mais é que reificar um tipo de pensamento discriminatório que não leva em conta aspectos como a desigualdade social, a transformação de referenciais éticos e culturais, além da ênfase em novas formas de relações sociais e de reciprocidade (Velho 1998).

Não nos esqueçamos que há uma apresentação da Baixada Fluminense para além da afirmação de temáticas como da violência e da pobreza que fez, e ainda faz, da região locus de diversos trabalhos cujos objetos vão desde estudos de comunidades e de práticas de medicina popular a religiões afro-brasileiras<sup>13</sup>. Tais trabalhos tiveram o mérito de apresentá-la a partir de uma outra ótica – a cultural –, pensando seus atores circunscritos às especificidades do universo dos rituais e representações religiosas/culturais, ao mesmo tempo em que remetidos também a questões mais gerais à sociedade abrangente.

O interesse de pesquisadores pela Baixada foi despertado principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, com desdobramentos na relação entre política, movimentos sociais e religião<sup>14</sup>. A título de exemplo haveria os movimentos sociais desenvolvidos na Baixada, essencialmente ligados à Igreja Católica, como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), que foram durante muito tempo uma das principais bases eleitorais de políticos da Baixada Fluminense, assim como de outras áreas do país, conforme relatado por Jorge Gama em entrevista realizada em 2003. A partir da redemocratização e da abertura política passaram por profundas transformações e adquiriram uma certa autonomia em relação aos partidos políticos<sup>15</sup>.

Apesar de haver entidades que conseguiram fazer um excelente trabalho de recuperação dessa memória local, como o IPAHB (Instituto de Pesquisa e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense), a

FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), o IPPUR (Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, da UFRJ), o CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação, da Fundação Getúlio Vargas), entre outros, ainda há muita coisa nas mãos de particulares ou mesmo perdida, que somente a partir do final da década de 1980 e, principalmente, na década de 1990 vêm despertando o interesse de um número cada vez maior de pesquisadores<sup>16</sup>.

## A POLÍTICA E A BAIXADA

---

Os estudos sobre partidos políticos e poder local enfatizam a dependência política dos municípios em relação às esferas estadual e federal. Segundo Soares (2001), tal afirmação se justificaria em função não somente da dependência financeira dos municípios como do fato destes terem possibilitado a consolidação da política oligárquica em detrimento da ideológica. A política dos estados, desenvolvida durante a República Velha, caracterizou-se pela concentração eleitoral de suas bases nos municípios, o que implicava uma ligação muito estreita com as famílias tradicionais e sua esfera de relações<sup>17</sup>.

“A estrutura socioeconômica que gerou o sistema político da República Velha não desapareceu com o advento da Revolução de 30, nem com a ditadura de Vargas, nem depois de 20 anos de experiência democrática e continua viva depois de 21 anos de ditadura militar. Evidentemente, ela não permaneceu imutável: longe disso” (Soares 2001: 28).

Grosso modo, podemos identificar algumas elites locais que se perpetuaram na vida política da Baixada Fluminense. A região tem como marca, desde o início de sua ocupação e administração, a constituição de um aparato repressivo ora vinculado ao Estado, ora privatizado por particulares – empresários, políticos, comerciantes etc. A violência advinda inicialmente das disputas pela terra – que vinha sempre acompanhada pelos jagunços e capatazes das fazendas –, foi posteriormente marcada pela associação entre uma máquina política que se utilizava rotineiramente da coerção física e moral a quem a ela se opusesse e alguns grupos paramilitares que dominou, e de alguma forma ainda domina, o cenário local<sup>18</sup>.

Durante o Império e a Primeira República identificamos esse tipo de violência consolidada e caracterizada por um compromisso entre as elites da capital e do interior, compromisso vinculado aos interesses dos grandes proprietários e à continuidade dos arranjos políticos que garantiam a estrutura de poder vigente: o coronelismo<sup>19</sup> (Ferreira 1994).

Os processos de industrialização e urbanização implementaram a decadência do modelo oligárquico através de mudanças não somente nas condições do campo e de suas relações sociais, como propiciaram o enfraquecimento das famílias tradicionais e, com isso, o estabelecimento de novas relações de poder (Grynszpan 1987)<sup>20</sup>. As lideranças políticas formadas desde a Primeira República até a década de 1960 construíram as suas bases político-eleitorais em um clientelismo e populismo muito ligados à realidade rural da região, que se transformou a partir da instauração da ditadura militar no Brasil e do vertiginoso processo de urbanização vivenciado pela região dos antigos pântanos fluminense.

Na Baixada Fluminense, as famílias tradicionais que mantinham o seu poderio político graças ora às fazendas de café, ora aos laranjais enfraqueceram-se e muitas não conseguiram se adaptar à nova realidade cada vez menos rural. Essa nova conjunção de forças políticas deu origem a uma elite composta por membros do antigo núcleo do poder local associada aos novos detentores do capital: os empresários e os comerciantes.

## A NOVA ELITE POLÍTICA LOCAL

---

Na esfera política, os projetos individuais de ascensão e mobilidade social podem ser atingidos, e o são pela maioria dos membros das elites políticas locais, através de alguma vinculação à vida pública<sup>21</sup>. A noção de *projeto* (Schutz 1979 e Velho 1994) insere-se nesse quadro como o fio condutor das trajetórias, pois implica a ordenação racional de conduta organizada para se atingir um fim específico, propiciando a percepção de uma lógica própria aos atores sociais envolvidos no processo político. Nesse sentido, o troca-troca de partidos bastante comum na política de modo geral, mas significativo para o universo da Baixada, pode ser pensado para além de seu aspecto de dever-ser e apreendido como forma de se negociar um “patrimônio eleitoral”, um capital político e cultural diante das exigências dos contextos vividos por tais atores. A negociação de apoio e de alianças qualifica a experiência política através da criação dos *acessos*, cuja regulação e obrigatoriedade expressariam não apenas uma lógica de dívida e de reciprocidade, como o *potencial de metamorfose* dos sujeitos (Velho 1994) ao estabelecerem, com êxito, múltiplos processos de identificação, transitando entre *mundos* e códigos culturais distintos. Atribuímos assim novos sentidos a relações nomeadas de clientelistas e assistencialistas através de uma espécie de *lógica da dívida* (Kuschnir 2000), que circunscrita à arena política redimensiona as ações a partir da lógica dos atores em questão apresentando-os, como sugere a autora, para além de um “modelo ideal de política” (2000:142).

A carreira política, diferentemente de outras, comporta um tempo específico, vivido por seus atores de forma distinta do público/eleitorado em geral, onde as condições, etapas específicas e o modo de apreensão do próprio tempo corresponderiam ao seu caráter cíclico e à articulação, negociação e necessidade de angariar apoio

mesmo fora do período eleitoral. Experimentada pelos políticos, assessores e colaboradores, não faz parte da lógica temporal de quem está fora do *mundo da política* (Palmeira e Heredia 1993). A carreira política é construída levando em consideração tanto os projetos dos políticos enquanto indivíduos/sujeitos com aspirações próprias, quanto à negociação permanente entre diferentes projetos individuais e coletivos. As trajetórias públicas são aqui traçadas nesse jogo de forças onde a visibilidade e a publicidade conseguida pelos atores é fator essencial para sua manutenção nos quadros dessa elite específica – a elite política, além de delinear com mais clareza os limites das redes políticas que se formam e das que se transformam.

A partir da década de 1930, devido a profundas mudanças nas estruturas política e socioeconômica por que a Baixada passou, podemos distinguir a formação inicial das redes políticas que ainda atuam na região. Getúlio de Moura constituiu, a partir da década de 1940, uma das mais duradouras redes da região<sup>22</sup>. Foi um dos aliados de Tenório Cavalcanti (e depois também seu adversário) em Duque de Caxias e da família Sessim, em Nilópolis<sup>23</sup>. Percebemos o surgimento, já no final da década de 1950, de nomes como o de Neca, ex-prefeito de Nilópolis; de João Batista Lubanco, interventor em São João de Meriti em 1970; além das famílias Sessim (seu principal nome é o deputado federal Simão Sessim) e Abrão David (Jorge David, Miguel Abraão e Aniz Abraão David), também em Nilópolis e dos Raunheitti (Fábio, Fabinho e Fernando Gonçalves – sobrinho), em Nova Iguaçu. A década de 1980 foi marcada por políticos como Hydekel de Freitas, prefeito biônico em Duque de Caxias; Francisco Amaral, de Nova Iguaçu, eleito vice-governador em 1988 na chapa de Moreira Franco (PMDB) e pela afirmação da supremacia eleitoral das famílias acima mencionadas<sup>24</sup>. Não menos interessante em termos de novos arranjos políticos foi a década de 1990, que teve nas emancipações de Belford Roxo, Queimados, Seropédica e Japeri a concretização de um novo mapa político de uma Baixada, agora ampliada em suas fronteiras para além do núcleo Nova Iguaçu/Duque de Caxias/São João de Meriti. Nomes como o de Joca, por exemplo, prefeito eleito pelo Partido Liberal para o primeiro mandato executivo do recém emancipado município de Belford Roxo, escreveram a história da região através da união entre uma política de assistencialismo e de violência. O caso do prefeito de Belford Roxo culminou no seu assassinato e na eleição, no pleito seguinte, de sua esposa Maria Lúcia para a prefeitura com o slogan: “Maria Lúcia é Joca”<sup>25</sup>.

Nos anos 2000, podemos reconhecer três redes políticas locais. A primeira é formada em torno do atual deputado federal Nelson Bornier (PMDB) ligado a Anthony Garotinho e à sua esposa, a governadora do Rio de Janeiro Rosinha Matheus<sup>26</sup>; a segunda, pelos aliados do ex-prefeito de Duque de Caxias, José Camilo dos Santos Filho, o Zito (PDT); a terceira rede de influência política que vem se delineando na Baixada Fluminense é formada, essencialmente, pelo PT. Deve ser pensada enquanto uma rede mais frouxa que se afirmaria enquanto tal mais especificamente em momentos eleitorais, não constituindo – até as eleições de 2004 – um projeto político

permanente, mas alianças temporárias através de coligações partidárias. Não menos importante é a relação de proximidade com o governo federal via o ex-presidente da Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense e prefeito de Paracambi até 2004, André Ceciliano (PT) e a emergência, enquanto força política local, de Lindberg Farias<sup>27</sup>.

No mundo político da Baixada, esta articulação em torno de partidos políticos convive com uma forte aglutinação em torno de alguns nomes e famílias que marcam a arena política local e que têm, cada vez mais, assumido um papel decisivo no âmbito estadual e mesmo federal<sup>28</sup>.

Abordaremos, no momento, apenas a rede formada por José Camilo dos Santos Filho, o Zito, e seus aliados, focalizando a trajetória de Zito e dos membros de sua família. Para pensar sua trajetória, as principais fontes utilizadas foram: sua biografia, escrita pelo jornalista Paulo Gramado (1999), entrevistas, dados coletados no TRE/RJ e nos arquivos e bibliotecas das câmaras municipais e das prefeituras em questão. É mister destacar que durante mais de um ano de tentativas não consegui realizar entrevista com Zito ou com sua esposa Narriman e que, portanto, os dados relativos a ambos foram coletados junto aos arquivos das prefeituras e na biografia citada. Tal fracasso é interessante como objeto de reflexão tanto quanto incongruências entre discursos ou as mentiras contadas durante entrevistas (Amado 2003). Entrevistei, no entanto, Waldir Zito, que confirmou a trajetória familiar além de alguns secretários de governo e pessoas ligadas aos membros dessa rede política.

Esta rede apresenta-se mais homogênea do que as acima mencionadas apesar de envolver partidos de frentes ideológicas distintas (PDT, PSDB e PT). Apresenta-se, sobretudo, sob a égide das relações familiares e de parentesco. A família Camilo dos Santos, ou simplesmente família Zito, começou a escrever sua história a partir, principalmente, dos anos 1990 com apoio do então governador do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar (PSDB). Era constituída por uma aliança entre os poderes executivos dos municípios de Duque de Caxias, Belford Roxo e Magé cujos prefeitos eram, respectivamente, Zito, seu irmão Waldir e sua esposa Narriman Felicidade. A mesma aliança se estendia, em escala variada, e não mais pelo sobrenome, a outros municípios<sup>29</sup>.

A trajetória dos Camilo dos Santos é similar a de muitas famílias que deram origem à Baixada Fluminense. Nordestinos, da Zona da Mata de Pernambuco, migraram para o Rio de Janeiro, em 1953, após o senhor Camilo ter sido demitido por testemunhar a favor de ex-funcionários da companhia têxtil onde trabalhava – a Campanhia Paulista de Tecidos. Quando chegaram, ficaram hospedados por alguns dias na casa de parentes no recém criado município de Duque de Caxias (1944), logo em seguida alugando um cômodo e saindo da casa da prima (Gramado 1999).

Graças a suas relações familiares locais, o senhor Camilo conseguiu emprego em uma empresa de ônibus como uma espécie de “faz-tudo”. Logo em seguida, foi trabalhar em uma indústria farmacêutica onde permaneceu por mais de 20 anos. Nos fins de semana, a família montava uma barraca na feira como forma de aumentar a renda

e assim poder comprar um lote no município. Zito ajudava o pai na feira livre durante os fins de semana e fazia uma série de “biscates” para conseguir dinheiro, como vender pipas, pegar água para os vizinhos na bica, transportar material de construção em sua carroça – que havia comprado com o seu próprio dinheiro etc.

De acordo com relatos citados em sua biografia, para Zito o estudo não seria visto como um caminho para a ascensão e sim o trabalho. Essa seria uma marca da ruptura entre sua visão de mundo e a de seus pais. Se para estes o estudo seria a única forma de mobilidade social, para Zito não seria o meio mais rápido e eficaz para se ganhar dinheiro. Conseguiu seu primeiro emprego como ajudante geral em uma estamperia aos 15 anos. Logo em seguida foi trabalhar com o pai em um laboratório no bairro de Vila Isabel, além de continuar na feira durante os finais de semana. Aos 17 anos casou-se e um ano depois já era pai de Andréia<sup>30</sup>. O primeiro casamento durou dez anos.

Aos 25 anos, já no fim da década de 1970, resolveu montar seu primeiro negócio – um laboratório de produtos químicos em sociedade com um amigo formado em química, que logo fracassou. Teve então que voltar à feira, primeiro com uma barraca, depois com uma lojinha que, desta vez, teve êxito e progrediu. O pagamento por “proteção” a bandidos locais é mencionado em sua biografia (Gramado 1999) como condição à manutenção de qualquer negócio na região. Segundo Zito, ele não aceitava tal imposição, tendo enfrentado tais bandidos e continuado no local, inclusive comprando mais dois armazéns de donos fugidos da violência. Nessa época, agora com a ajuda do irmão Waldir, as lojinhas já haviam se tornado barzinhos (chamados de clubes, *night clubs*) e o patrimônio aumentado consideravelmente. Após a morte de duas meninas na proximidade de seu “clube”, resolveram mudar de endereço e o negócio acabou não dando certo. Em 1985, entrou para a Guarda Municipal de Duque de Caxias e em seguida comprou uma casa próxima à casa dos pais.

A casa própria foi conseguida da mesma forma que a maioria dos migrantes pobres que foram para a Baixada. Primeiro, seus pais compraram um terreno barato, no bairro Copacabana, à rua Ipanema, que não dispunha de recurso como água, luz, esgoto ou calçamento e, como muitos outros, situado em área não legalizada. A construção da casa foi feita através da *autoconstrução*, que é tomada por Lima (1980) como a principal forma de construção presente na região, baseada em esforço próprio e em laços de reciprocidade e vizinhança<sup>31</sup>. Para a autora, esse modelo – que marcaria um estilo de vida, pois exigiria dos membros da família a organização de suas vidas em função da obra – estaria diretamente vinculado à segregação sócio-espacial e a um sistema econômico que sobrecarregava o trabalhador com o rebaixamento constante do potencial de compra advindo do salário que, não encontrando alternativas na política habitacional e no mercado tradicional de imóveis, recorria, e assumia os riscos, de se tornar proprietário e de ter que construir sua casa em áreas abandonadas pelo poder público<sup>32</sup>.

A trajetória política de Zito começou justamente nesse período. É a partir das reivindicações de melhorias para o bairro que seu discurso sobre o imperativo da vocação política se constrói. A afirmação do ingresso involuntário na

vida pública através, principalmente, “de um pedido do povo, da comunidade” é recorrente no discurso do político profissional (Kuschnir 2000). Zito já mantinha relações com políticos locais devido à necessidade de dialogar e exigir as melhorias para a região, o que lhe rendeu importantes contatos e o apoio necessário para que, em 1988, se elegeesse pelo Partido Progressista Republicano (PPR) à Câmara Municipal de Duque de Caxias.

A campanha de Zito contou, além do auxílio significativo da família (confeccionando camisas, *botons*, faixas e como cabos eleitorais), com o apoio de personalidades importantes da vida local, como lideranças de bairros, vereadores, deputados e dos próprios moradores de seu bairro. A esfera política parece ampliar o seu *campo de possibilidades* através das relações com nomes importantes da política estadual, do prestígio adquirido pela investidura do cargo e de sua ascensão social. Em 1990, já casado com Narriman Felicidade, concorreu à Assembléia Legislativa, recebendo mais de 11 mil votos pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ficando, no entanto, como suplente. Em 1992, concorreu à reeleição para vereador pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), sendo o vereador mais votado na Baixada Fluminense. Saiu do partido por desavenças com Alexandre Cardoso, então deputado, e foi ocupar a vaga na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Durante os anos de 1992 e 1993, então presidente da casa, foi acusado pelo assassinato de Ary Vieira Martins, na época subsecretário municipal de Serviços Públicos em Duque de Caxias, devido a alegações de desentendimento público entre os dois. Teve sua prisão decretada, passando uma noite na delegacia, noite esta que marcou a conversão de sua esposa a uma religião evangélica (Assembléia de Deus).

Em 1994, já pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), foi eleito deputado estadual, ainda sob a acusação de homicídio, com 34.373 votos, sendo 30.484 somente em Duque de Caxias, ficando entre os dez mais votados para a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. Mas é a partir de 1996, com sua eleição para a prefeitura de Duque de Caxias, no segundo turno, contra Hydekel de Freitas (PPB), que passou a ter visibilidade. Com uma administração de muitas obras, obteve aprovação com uma votação expressiva (315.679 contra 27.950 do segundo colocado do PDT, Geraldo Moreira) e se reelegeu em 2000, sendo apresentado pela imprensa como um “fenômeno eleitoral” (dados do TRE/RJ). *“Aqui a gente pode falar que tinha Caxias antes e depois do Zito. Ele mudou a cara da cidade. Isso não dá pra negar.”* (Entrevista com Sr. C., 64 anos, morador de Duque de Caxias).

Foi no ano de 1996, durante o primeiro mandato de seu marido como prefeito, que Narriman Felicidade iniciou sua vida pública, ocupando o cargo de Secretária de Meio Ambiente de Duque de Caxias. Formada em engenharia com ênfase na área de saneamento e meio ambiente, teve um papel técnico logo ampliado pelas obras desenvolvidas no aterro sanitário de Gramacho (bairro de Caxias), que lhe renderam frutos políticos e a candidatura, nas eleições estaduais de 1998, à vice-governadora juntamente com Luiz Paulo Corrêa da Rocha, na chapa do PSDB. Em 2000, candidatou-se à prefeitura de Magé pelo PSDB, da qual saiu vitoriosa com 35.802 votos

contra os 32.589 de Nelson do Posto do PDT. Neste mesmo ano, Waldir Zito filiado ao PMDB, com uma campanha absolutamente vinculada ao nome do irmão Zito, inclusive seu slogan, elegeu-se prefeito em Belford Roxo no segundo turno, recebendo 105.263 votos contra 79.502 de sua adversária, a viúva de Joca, Maria Lúcia (TRE/RJ), o que representou uma significativa ampliação da influência e do poder de Zito na Baixada.

A trajetória política de Narriman é recente, mas pode ser entendida dentro de um movimento mais amplo de associação entre política, família e religião. Como mencionado anteriormente, a religião pode se apresentar como “redentora” e “purificadora” em alguns casos. A conversão de Narriman marcou não somente a sua história de vida como teve repercussão na vida pública de Zito, pois sua credibilidade no meio evangélico, por exemplo, foi estendida ao seu marido, além da aproximação direta deste com membros de políticos evangélicos de outras denominações e da Assembléia de Deus – como no caso de Washington Reis, então deputado estadual pelo PSC, que foi seu vice no pleito de 1996, mas que, no entanto, permaneceu no cargo por apenas 36 dias devido à incompatibilidade com o prefeito. Em 2003, Narriman filiou-se ao PT, o que ocasionou polêmica e críticas internas devido, fundamentalmente, à ligação de seu nome ao de seu marido e ao seu estilo de governo e interferência administrativa.

Os municípios de Magé e Belford Roxo, apesar de possuírem características muito distintas, corroboram um “estilo Zito” de administração já que o staff dessas prefeituras foi indicado e escolhido conjuntamente com o prefeito de Caxias. É amplamente divulgada pela imprensa carioca – e confirmada sob a rubrica de ajuda técnica em entrevistas realizadas com alguns de seus secretários, como o de Planejamento e a sub-secretária de Educação – a ingerência de Zito nessas prefeituras, inclusive solicitando reuniões e demissões de funcionários. Os limites geográficos e administrativos são, nesse contexto, ampliados e re-situados a partir de uma lógica que extrapola a ordem legalmente constituída, através da operacionalização de um projeto político familiar que tem Zito como sujeito-catalizador.

Ambos terminaram seus mandatos, mas apenas Narriman concorreu à reeleição sendo derrotada por Núbia Cozzolino (PMDB), ex-deputada estadual e antiga adversária, por 46.699 votos contra os seus 31.397. Waldir era constantemente alvo de denúncias de corrupção e mau uso do dinheiro público e, apesar de ter lançado seu nome como pré-candidato, retirou-se frente ao grande índice de rejeição da população e das ameaças de impugnação de sua candidatura.

Esta rede teve como marca “uma administração para as obras públicas”. Esta não é uma bandeira exclusiva, porque a carência de infraestrutura básica, aparatos coletivos e de planejamento urbano são características da Baixada que conferem uma dimensão dramática à vivência cotidiana de seus moradores e implicam formas de negociação com uma ênfase mais eleitoral do que política, ou seja, abre-se lugar não só para o assistencialismo,

praticado em todas as esferas de poder político, como para o clientelismo em sua forma mais explícita – a barganha eleitoral, a compra de votos, os “cabides de emprego”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Neste artigo, procurei mostrar que Zito não constitui, propriamente, uma ruptura com o estilo de fazer política das antigas elites da Baixada no tocante ao uso da coerção ou intimidação, mas de alguma forma o redimensiona a partir do momento em que se representa e apresenta como “homem do povo”, “trabalhador” e “humilde”, se veste e fala como tal, conseguindo criar laços com seu eleitorado baseados muito mais em seu carisma pessoal do que em uma suposta tirania do medo.

A questão é que mesmo representando uma continuidade em relação ao *modus operandi* da política, Zito consegue voltar a atenção para sua identidade de migrante-pobre-que-cresceu-por-si e tornar tênue à sobreposição de sua imagem a reação negativa da idéia de violência, revertendo-a em uma espécie de “lucro eleitoral”. Esta imagem – criticada principalmente por um discurso “de fora” – não tem a mesma dimensão valorativa para “os de dentro”. Como em “fulano rouba, mas faz”, temos aqui o “homem em quem se pode confiar”, aquele que “não vai deixar o bandido se safar”. A violência também é uma realidade na Baixada e a segurança, cada vez mais privatizada, talvez contribua para amenizar o aspecto negativo das acusações que pesam sobre Zito para “os de dentro”, já que a violência seria, em alguns momentos, apesar de ilegal, legítima, como nos abusos cometidos por policiais que “prestam serviços” aos comerciantes locais, na violência doméstica contra mulheres e crianças etc.

Zito, graças à percepção dessa ambivalência, conseguiu uma combinação entre a afirmação dessa identidade *outsider* – vinculada à imagem dos migrantes não apenas nordestinos, mas de todas as partes do país – e do *self made man*, cuja trajetória não é só encontrada de forma marcante na composição das novas elites da Baixada, como parece ser, de algum modo, valorizada pelos moradores entrevistados como símbolo de vitória e ascensão social.

Esta rede de alianças encabeçada por Zito ao mesmo tempo em que apontava para a possibilidade de seu sucesso pessoal, parecia atualizar com novos significados as associações entre abandono e pobreza, pois a valorização de sua condição de “vencedor” (*self made man*) não apagou ou diluiu a de *outsider* no sentido de uma identidade social à margem, reforçada em estereótipos como os do bicheiro, do negro e do nordestino explorados, por exemplo, pela novela *Senhora do Destino* exibida pela Rede Globo de televisão<sup>33</sup>. Ele ainda representaria (e se apresentaria como) o “abandonado”, o “pobre”. Mas sua trajetória nos possibilita pensar como

os sujeitos lidam com a multiplicidade de códigos e símbolos que são acionados diferentemente nos discursos “para dentro” e “para fora” e até que ponto sua capacidade em lidar simultaneamente com tal diversidade de representações e processos de identificação na Baixada pode levá-los à concretização de projetos políticos.

A família Zito e seus aliados ainda representam na Baixada Fluminense, apesar dos fracassos eleitorais angariados no ano de 2004, uma poderosa força política. As derrotas eleitorais dos candidatos apoiados por Zito (Laury Vilar, em Duque de Caxias e Narriman Felicidade, em Magé) apresentam-nos a impossibilidade e/ou fracasso em se colar suas imagens à de Zito. Além disso, a mudança para o PDT, a atual situação do partido e seu confronto com o governo do estado foram decisivos para que ficassem isolados enquanto força política na região. O apoio de Anthony Garotinho e da governadora do estado Rosinha Matheus aos seus opositores propiciou uma reviravolta na arena política local, o que implicará na revisão de seu projeto político e de suas redes de aliança.

Apesar de não contar mais com a administração de prefeituras para a concretização de seu projeto (que aparentemente seria a disputa eleitoral para o governo do estado do Rio de Janeiro), Zito conseguiu manter seus acessos graças a novas alianças e à nomeação para o cargo de secretário de Relações Institucionais da prefeitura do Rio de Janeiro, cujo prefeito, reeleito no primeiro turno, é César Maia (PFL). Ao que tudo indica, Zito confirma seu status de mediador e sua importância estratégica para qualquer projeto que necessite da Baixada para se concretizar – como no caso de César Maia – e revela que a capacidade dos atores em lidar com situações e papéis e o seu potencial de metamorfose tornam exequível a permanência no *mundo da política*.

---

*Alessandra Siqueira Barreto é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.*

## NOTAS

---

- 1 Este artigo faz parte de um estudo mais amplo que desenvolvo sobre elites políticas na Baixada Fluminense no doutorado em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/ UFRJ.
- 2 Utilizarei trecho de uma entrevista realizada em agosto de 2003, com um morador do Rio de Janeiro cuja família reside em uma cidade do Sul Fluminense, para exprimir esta idéia encontrada também em outros discursos: “todas as vezes que passava por aqui tinha uma sensação estranha. É de desconforto porque é algo feio de se ver. Essas casas sempre por acabar, as ruas sem calçamento. É muita pobreza mesmo. Parece que o Rio nunca vai chegar porque a gente fica o tempo todo olhando da janela do ônibus e vê sempre a mesma coisa, as mesmas casas, o mato, o chão de terra...” (J., 31 anos, bancário).
- 3 A Baixada, que num primeiro momento foi ocupada por fazendas com produção diversa (café, milho, animais de corte, extração de madeira etc.), teve seu processo de urbanização ligado à construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II, em 1858, cujo traçado ligava a área central da cidade a Queimados (município que na época pertencia a Nova Iguaçu). Essa construção provocou a intensificação da urbanização nos trechos às margens da linha férrea através do loteamento das fazendas, em grande parte de forma ilegal, em terrenos pequenos e baratos, atraindo assim uma população de migrantes de baixa renda vindos do Nordeste em sua maioria, mas, também, do município do Rio de Janeiro, expulsos pelos preços dos aluguéis e terrenos. Essa distribuição dos loteamentos acabou se constituindo num ponto em comum aos municípios da Baixada Fluminense. A violência advinda da disputa pela terra também se transformou na marca da região, juntamente com a pobreza, a falta de infraestrutura e o abandono pelo poder público.
- 4 A composição da Baixada é um assunto polêmico entre os autores apontados por Enne (2002) em sua tese de doutoramento. A autora prioriza uma “definição nativa”, cuja composição seria: Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu. Às vezes acrescenta Mesquita e Queimados, municípios que pertenciam à Nova Iguaçu e que se emanciparam na década de 1990. No entanto, não deixa de apontar as diversas definições e seus usos, desde uma composição como a que aqui apresento até uma mais ampla, que a estenderia até municípios da região serrana (2002:40-55).
- 5 Ver, entre outros, Peixoto (1968), Pereira (1970), Hypolito (1982), Beloch (1983), Grynspan (1987), Souza (1992) e Ferreira (1994).
- 6 As prefeituras da Baixada têm apresentado diversos projetos sociais que teriam como objetivo a ampliação da cidadania a grupos e segmentos sociais à margem. As escolas de música e dança são exemplos dessas iniciativas, além de projetos de inclusão digital, como os projetos “Dançar com o pé no futuro”, a “Escola de música Villa Lobos” e o curso de informática “Paracambi Digital”, desenvolvidos durante o mandato do prefeito André Ceciliano (PT) no município de Paracambi (2001-2004).
- 7 A reportagem divulgada pelo jornal O Globo de 17 de outubro de 2004, intitulada “Igreja Universal perde representação política”, analisa a competição entre religiões evangélicas para as câmaras de vereadores de municípios do país e a redução da bancada da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A reportagem mostra que, ao contrário do que se poderia pensar, a influência da religião na esfera política não diminuiu, mas se diversificou, principalmente se somada ao assistencialismo dos centros mantidos por membros dessas igrejas. Além disso, a reportagem também aborda que esta mesma diferença de denominações foi colocada em segundo plano em prol do candidato à prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (PL) da IURD, dada a pouca expressão de Conde (PMDB), mesmo este tendo como vice o pastor Manoel Ferreira, da Assembléia de Deus. Quanto aos trabalhos acadêmicos, os de Freston (1993), Peirucci (1996) e Carneiro (1997), apesar de algumas divergências, apontam para a irrupção pentecostal na política a partir de 1986.
- 8 Essa matéria foi divulgada por Rosana Rodrigues, no Caderno Baixada, do jornal *O Globo*, no dia 15/2/04.
- 9 Ver Umberto Eco (1993) para a apresentação e crítica de importantes autores sobre o tema. Eco classifica-os em dois grupos antagônicos, a partir do confronto das concepções de cultura de massa/indústria de massa. Outras abordagens sobre a comunicação de massa podem ser vista em Bakhtin (1987) e Barthes (1987).
- 10 O caderno Baixada é composto por matérias gerais sobre a região, desde notícias sobre festas religiosas, atividades culturais, entendimentos políticos a anúncios comerciais, classificados e matérias sobre ecologia. É apresentado no formato de uma revista, como os demais cadernos de bairro, e matérias de grande repercussão como análises políticas, por exemplo, ficam preferencialmente no corpo do jornal como as colunas Panorama Político, O País, Cidade etc. e não nos cadernos de bairro. Esses cadernos priorizam notícias culturais, eventos sociais e políticos de repercussão local.

- 11 Sobre redes sociais e produção de imagens sobre a história da Baixada, ver a tese de doutoramento de Ana Enne (2002).
- 12 Ver, por exemplo, trabalhos já citados, como os de Zaluar (1994) e Enne (2002).
- 13 Os trabalhos de Eliane Cantarino O'Dwyer (1977), Andreia Loyola (1983), Sonali de Souza (1992), entre outros, são exemplos desses estudos realizados em municípios da Baixada Fluminense.
- 14 Faz-se necessário destacar que já havia uma produção de intelectuais da região, ou "nativos", sobre a Baixada Fluminense, ligada, fundamentalmente, a sua história local. Ver, por exemplo, Pereira (1970 e 1977) e Peixoto (1968), além de relatos de viajantes do século XIX.
- 15 Jorge Gama, então secretário de governo em Nova Iguaçu, foi vereador na cidade em 1976 pelo MDB, deputado federal (1979-1983, 1989 e 1990-1991), candidato a vice, compondo a chapa de Miro Teixeira em 1982, e presidente do PMDB fluminense em 1983.
- 16 Ver, por exemplo, os trabalhos já citados de Loyola (1983), Grynszpan (1987), Souza (1992), Ferreira (1994), Enne (2002) e os de Keller (1997), Monteiro (2001) e Alves (2003).
- 17 Atualmente, um estudo desenvolvido por consultores ligados ao Senado Federal e divulgado pelo jornal O Globo dos dias 6 e 7 de março de 2004, na coluna de Merval Pereira, através de pesquisa nos dados da última eleição municipal constatou que, diferentemente da maioria dos estudos realizados por cientistas políticos e estudiosos do tema, as eleições para o executivo municipal dependem menos dessa relação com o governo estadual e federal e mais da implementação de obras, dos partidos políticos e da visibilidade na mídia.
- 18 Ver, por exemplo, a tese de Alves (2003), onde o autor aborda a relação entre violência e política na Baixada.
- 19 Adoto o conceito como trabalhado por Víctor Nunes Leal (1975).
- 20 A eletrificação da estrada de ferro Central do Brasil em 1935; a construção da Avenida Brasil, em 1946, e a abertura da Presidente Dutra, em 1951, são alguns exemplos de como se processou a reconfiguração espacial da região.
- 21 Estes são alguns dos nomes que exemplificam esta afirmação: Fábio Raunheitti, ex-deputado federal, cassado em 1994 após o escândalo dos "anões do Orçamento" devido ao desvio do erário público, é empresário e dono da UNIG (Universidade Iguaçu); Itamar Serpa, ex-deputado federal e vice-prefeito de Nova Iguaçu desde janeiro de 2005, é empresário do setor de cosméticos; Nelson Bornier, ex-prefeito de Nova Iguaçu por dois mandatos, deputado federal, é empresário do setor imobiliário e contábil.
- 22 Getúlio de Moura depôs o prefeito de Nova Iguaçu em 1930 e assumiu o cargo, sendo em seguida destituído e processado. Anistiado por Getúlio Vargas em 1931, elegeu-se suplente de deputado pelo estado do Rio de Janeiro à Assembléia Nacional Constituinte em 1933, pela UFF. Foi deputado federal de 1946 a 1959 e de 1963 a 1969. Presidiu a Junta comercial do Rio de Janeiro até 1981, quando faleceu (Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro 2001).
- 23 Tenório Cavalcanti, ou "o homem da capa preta", mereceria um capítulo à parte pois a sua influência junto a esferas políticas as mais distintas garantiu-lhe um lugar de destaque no panorama nacional, assim como a ostentação do uso da violência representada pela sua inseparável arma: a metralhadora "lurdinha". Foi vereador em Duque de Caxias em 1936, em 1947 foi eleito deputado pela UDN para Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro, e de 1951 a 1964 foi deputado federal, sendo então afastado da cena política com o golpe militar (Beloch 1986).
- 24 Prefeito biônico é como ficou conhecido o cargo criado durante a ditadura militar através da nomeação de um prefeito, pelo governo federal, para cidades consideradas "áreas de segurança nacional" que, portanto, não possuíam autonomia política.
- 25 Em 2004, Maria Lúcia foi eleita prefeita de Belford Roxo com 115.143 votos (53,8% dos votos válidos). Em 2003 foi eleita deputada federal pelo PMDB, tendo sido filiada ao PPB entre 1996-1997 e ao PSDB entre 1997-2001.
- 26 Anthony Garotinho nasceu em Campos, onde disputou a sua primeira eleição em 1982, para a Câmara dos Vereadores, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e apesar de ter sido o candidato mais votado de Campos, não se elegeu porque seu partido não atingiu o coeficiente eleitoral. Em 1986, foi eleito para a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro pela Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em 1988, ainda pelo PDT, lançou-se candidato para a prefeitura de Campos. Foi Secretário de Agricultura do estado do Rio de Janeiro na gestão do então governador Leonel Brizola entre 1993 e 1994. Neste ano foi o candidato do PDT ao governo do estado, tendo sido

derrotado, em segundo turno, pelo candidato Marcelo Alencar, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 1996, elegeu-se para a prefeitura de Campos. Em 1998, deixou a prefeitura para se lançar novamente candidato do PDT ao governo do estado do Rio de Janeiro. Foi eleito, em segundo turno, com 58% dos votos válidos para o mandato de 1999 a 2003, tendo como vice Benedita da Silva, do PT. Desde 2002 é secretário de governo de sua esposa Rosinha Matheus. Governadora do Rio de Janeiro, em seu primeiro mandato eletivo, obteve 4.101.423 votos, representando 51,30% do total dos votos válidos, contra os 1.954.379 votos de Benedita da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), o que representou 24,45% do total da votação (dados do TSE). Ambos são evangélicos, da Igreja Assembléia de Deus.

- 27 O grande nome do PT a partir da campanha municipal de 2004 é o do ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), articulador das manifestações de estudantes conhecidos como “os caras-pintadas”, ex-deputado federal, eleito prefeito de Nova Iguaçu no segundo turno com 52% dos votos válidos e atual presidente da Associação de Prefeitos da Baixada, Lindberg Farias. Não me deterei no presente artigo neste caso, mas ressalto que houve uma reestruturação das forças políticas locais a partir de sua entrada no cenário político da Baixada, tema que desenvolverei em minha tese de doutoramento.
- 28 Atualmente, há 12 representantes da Baixada Fluminense na Câmara dos Deputados e 16 na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro.
- 29 Não trataremos aqui das redes constituídas por aliados no plano do legislativo, abordando apenas os executivos municipais dentro da própria Baixada Fluminense.
- 30 Andréia Zito é hoje deputada estadual em seu segundo mandato, pelo PSDB.
- 31 Lima cita, na nota 7, Maricato (1976) para explicar a categoria autoconstrução como “o processo através do qual o proprietário constrói sua casa sozinho ou auxiliado por amigos e familiares (...) nos seus horários de folga do trabalho remunerado, principalmente, portanto, nos feriados e fins de semana”.
- 32 No artigo, a autora analisa as motivações da escolha da casa própria, além das alternativas criadas para operacionalizar a provisão de recursos necessários à construção. Outro fator destacado por Lima é que a casa própria não teria apenas o valor de uso, mas resultaria também em um bem com potencial mercantil – venda ou aluguel – além da tendência de se construir no mesmo local da residência um lugar para o trabalho, como uma loja, venda ou mercearia. A autora não discute o valor afetivo e simbólico do bem, mas dá indicações ao afirmar que nenhum dos entrevistados pretendia, no momento da pesquisa, vender ou alugar a casa, sendo apenas uma possibilidade caso houvesse necessidade.
- 33 A novela *Senhora do Destino* foi exibida no “horário nobre” da Rede Globo e teve como núcleo principal uma família de migrantes nordestinos que mudou para a Baixada Fluminense durante a ditadura militar. A novela aborda os “tipos” da Baixada a partir de um olhar que reifica alguns estereótipos do senso comum, como o do bicheiro espalhafatoso e cafona, o do nordestino determinado, o do político corrupto, o da assessora/amante do político etc. Ao mesmo tempo em que reifica tais concepções, possibilita para um grande público o conhecimento de uma parte do universo da Baixada Fluminense, ainda que mostrando os “lugares-comuns”, como as escolas de samba e os bairros pobres, mas também evidencia, através da trajetória da personagem da atriz Susana Vieira – Maria do Carmo – a ascensão social de parte desses migrantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALVES, José Cláudio Souza. 2003. *Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH/CLIO.
- AMADO, Janaína. 2003. "O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história social". *Nossa História*. Biblioteca Nacional/Ed. Vera Cruz 1(2).
- BAKTIN, Mikhail. 1987. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UnB.
- BARTHES, Roland. 1987. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix.
- BASTOS, Eliane Cantarino O'Dwyer. 1977. *Laranja e Lavoura Branca. Um estudo das unidades de produção camponesa da Baixada Fluminense*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- BELOCH, Israel. 1986. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o Povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record.
- CARNEIRO, Leandro Piquet. 1997. "A Igreja como contexto político: cultura cívica e participação política entre evangélicos". XX Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, Guadalajara, México.
- CONRADO, Flávio César dos Santos. 2000. *Cidadãos do Reino de Deus. Representações, Práticas e Estratégias Eleitorais (Um Estudo da "Folha Universal" nas Eleições de 1998)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ.
- ECO, Umberto. 1993. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva.
- ENNE, Ana Lúcia. 2002. "Lugar meu Amigo, é minha Baixada": Memória, Representações Sociais e Identidades. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. 1994. *Em Busca da Idade de Ouro: As Elites Políticas Fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- FRESTON, Paul. 1993. *Evangélicos e a Política no Brasil. Da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutoramento. São Paulo, DCS/Unicamp.
- GEIGER, Pedro Pichas e SANTOS, Ruth Lira. 1956. *Notas sobre a Evolução da Ocupação Humana da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: IBGE.
- GRAMADO, Paulo. 1999. Zito. *Rompendo Barreiras com Justiça e Trabalho*. Rio de Janeiro: Liberato.
- GRYNSZPAN, Mário. 1987. *Mobilização Camponesa e Competição no Estado do Rio de Janeiro (1950-1964)*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- HYPOLITO, Adriano. 1982. *Imagens do Povo Sofrido*. Petrópolis: Vozes.
- KELLER, Paulo Fernandes. 1997. *Fábrica & Vila Operária: A Vida Cotidiana dos Operários Têxteis em Paracambi*. Paulo de Frontin/RJ: Sólton Ribeiro.
- KUSCHNIR, Karina. 2000. *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LEAL, Victor Nunes. [1949] 1975. *Coronelismo, Enxada e Voto. O Município e o Regime Representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- LEITE, Márcia Pereira. 2003. "Novas relações entre identidade religiosa e participação política no Rio de Janeiro hoje: o caso do Movimento Popular de Favelas". In P. Birman (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar.

- LIMA, Maria Helena Beozzo de. 1980. "Em busca da casa própria: autoconstrução na periferia do Rio de Janeiro". In L. Valadares (org.). *Habitação em Questão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LOYOLA, Maria Andréia. 1983. *Médicos e Curandeiros: Conflito social e saúde*. São Paulo: Difel.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. 2003. "Existe um jeito evangélico de fazer política?". In P. Birman (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar.
- MONTEIRO, Linderval. 2001. *Baixada Fluminense: Identidade e Transformações. Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense*. Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro, UFRJ.
- ORO, Ari Pedro. 2003. "A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros". In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 18, nº. 53, 53-69.
- PALMEIRA, Moacir e HEREDIA, Beatriz. 1993. "Le temps de la politique". In: *Études Rurales*, 131-132, julho-dezembro.
- \_\_\_\_\_. 1997. "Política ambígua". In P. Birman & R. Novaes (orgs.). *O Mal à Brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. 1996. "Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte". In: A.F. Pierucci & R. Prandi. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- PEIXOTO, Rui Afrânio. 1968. *Imagens Iguazuanas*. Nova Iguaçu: Edição do Autor.
- PEREIRA, Wladick. 1970. *A Mudança da Vila (História Iguaçuana)*. Nova Iguaçu: Arsgráfica.
- \_\_\_\_\_. 1977. *Cana, Café e Laranja. História Econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV/SEEC-RJ.
- SCHUTZ, Alfred. 1979. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SOARES, Luiz Eduardo. 1996. *Violência e Política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ISER.
- SOARES, Gláucio Dillon. 2001. *A Democracia Interrompida*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SOUZA, Sonali Maria de. 1992. *Da Laranja ao Lote. Transformações Sociais em Nova Iguaçu*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ.
- VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1998. "Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica". In G. Velho & M. Alvito (orgs). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- \_\_\_\_\_ & ALVITO, Marcos (orgs.). 1998. *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- ZALUAR, Alba. 1985. *A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. Rio de Janeiro: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. 1994. *O Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ.

#### JORNAIS:

*O Globo*

#### SITES CONSULTADOS:

[www.alerj.rj.gov.br](http://www.alerj.rj.gov.br)

[www.tse.gov.br](http://www.tse.gov.br)

## **Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores**

### **RESUMO**

---

Este artigo apresenta um olhar sobre a Baixada Fluminense a partir de suas dimensões política e cultural. Enfatizando a formação das redes políticas locais a partir do século XX e a lógica da relação entre violência e prática política, descreveremos a trajetória de um dos políticos atuais de maior influência na região, ressaltando como as representações sobre o que é a Baixada mudaram ao longo do tempo e quem são e qual o lugar das novas elites políticas dentro desse panorama.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política, trajetória, Baixada Fluminense, representações sociais e violência.

## **A view of the 'Baixada': uses and representations of local power and its actors**

### **ABSTRACT**

---

This article presents a view of the Baixada Fluminense's from its political and cultural dimensions. Emphasizing the constitution of local political networks in the 20th. century and the relations between violence and political practices, it describes the trajectory of one of the most influential politicians of the region in the last decade, pointing out how representations of the Baixada Fluminense have changed during these years, who the new elite is and what is their social standing.

**KEY WORDS:** Politics, trajectories, Baixada Fluminense, social representations, violence.